

As carpas do bem

TONINHO TAVARES

Gizella Rodrigues

Agua escura, latas e garrafas boiando na água, mau cheiro. Inicialmente, a imagem não lembra em nada a do Lago Paranoá, despoluído em 1999 e hoje com convidativas águas azuis brilhantes. Mas ainda pode ser vista em uma área de 78 hectares no braço do Riacho Fundo, do início do lago até a Ponte das Garças, no Gilberto Salomão. Apesar de representar apenas 5% da área total do Paranoá, a sujeira estraga um dos mais belos cartões-postais de Brasília.

Uma iniciativa da Universidade Católica de Brasília (UCB), em parceria com a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb), pode colocar um ponto final no problema e despoluir de uma vez por todas o lago. A técnica utiliza carpas prateadas, uma espécie chinesa, que se alimentam da poluição e, assim, filtram a água. No último sábado, 12 mil carpas foram jogadas no Lago Paranoá e, até o fim do ano, outras 18 mil devem juntar-se a elas. O projeto, com o custo de R\$ 180 mil, é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No braço poluído, desem-

bocam os córregos Riacho Fundo, Vicente Pires e Guará. Toda a sujeira vem com eles, além do fósforo trazido com o esgoto que, muitas vezes, é jogado de forma clandestina na água. O fósforo é propício para o desenvolvimento da cenobactéria, uma alga microscópica que polui a água. Se elas se proliferarem, formam colônias e uma nata no lago, que impede a penetração da luz. Sem iluminação, não há oxigenação da água e, assim, ocorre uma alta mortalidade dos peixes.

■ Cenobactérias

As carpas, porém, se alimentam das cenobactérias e ajudam na despoluição do lago. Segundo Fernando Starling, professor do programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Ambiental da UCB e coordenador do projeto, um peixe de um quilo filtra três mil litros de água por dia. "Elas não serão alimentadas com ração. Assim, a comida disponível será a alga", diz.

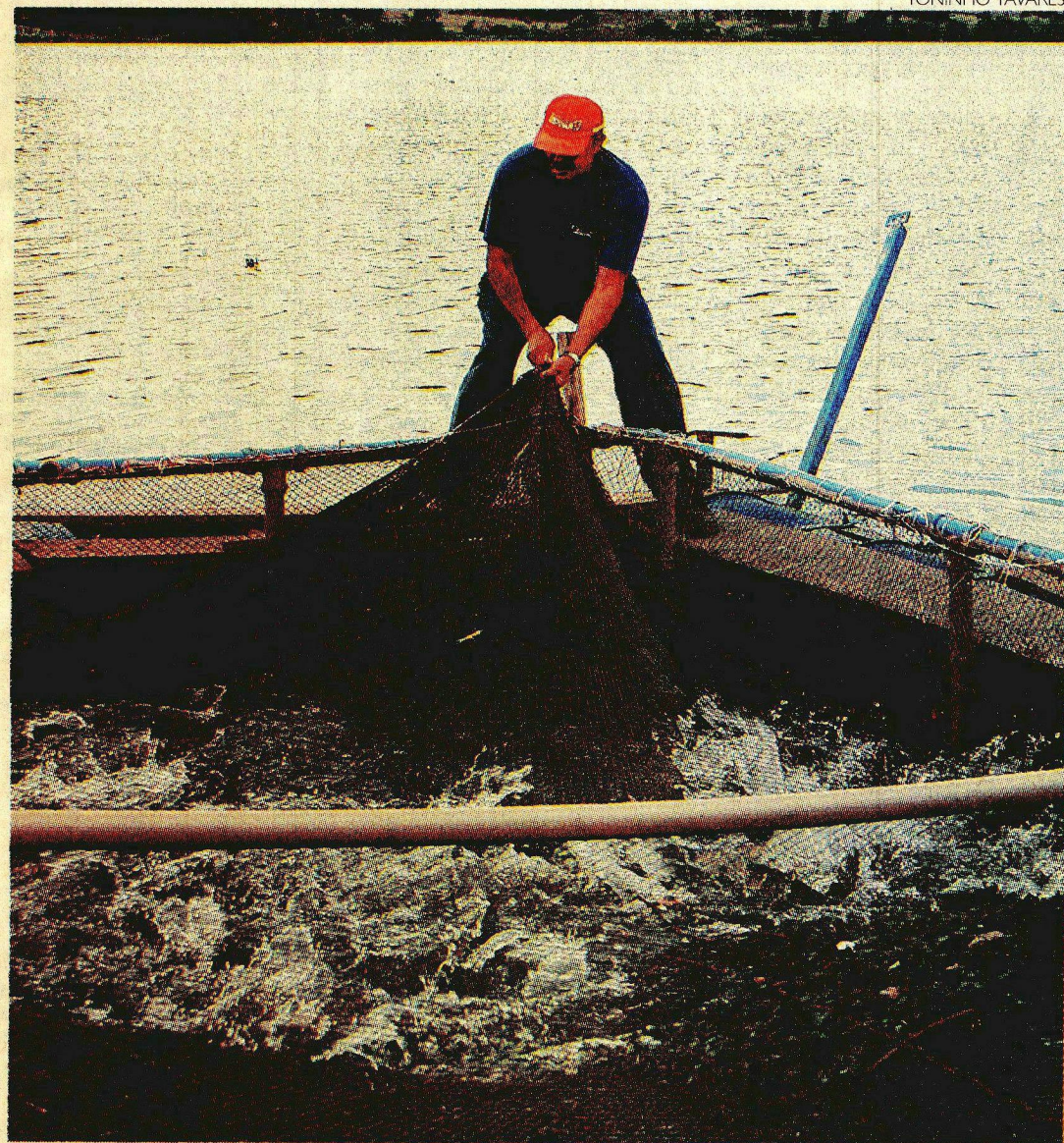
Os peixes não serão criados soltos na água. Eles foram colocados em 22 gaiolas que ficam na margem do Lago Paranoá perto da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE-Sul) da Caesb. O objetivo é ampliar a área dos criatórios para 50 gaiolas que

comportariam 30 mil carpas. "Fizemos estudos e constatamos que precisamos ocupar 2% dessa área de 78 hectares com gaiolas. Assim, as carpas conseguiriam filtrar, diariamente, todo o fósforo trazido pelos córregos", explica Fernando.

Além da preservação do meio ambiente, o projeto pode aquecer a economia do DF. As carpas adultas serão substituídas por filhotes e os peixes podem ser consumidos por seres humanos. Segundo o professor, elas são ótimas para o consumo. "O laboratório de Nutrição da Católica tem desenvolvido técnicas para o processamento da carne da carpa. A carne, triturada, pode ser separada do espinho. Com a polpa, é possível fazer nuggets, salsinha, hambúrguer e kani", diz.

Ele afirma que a idéia é criar um parque aquícola ecológico no Lago Paranoá, que comportaria a criação de carpas. "Quando o projeto acabar, no fim do ano, vamos entregar o criatório para o governo ou os pescadores. Em todo o Brasil, criatórios de peixes em represas urbanas estão sendo desenvolvidos, mas nenhum é ecológico como esse", explica.

■ **Leia mais sobre carpas no site www.clicabrasilia.com.br**



■ CARPAS FICAM EM 22 GAIOLAS NA MARGEM DO LAGO, PERTO DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTO